

Comportamento de Crianças nos Espaços Públicos das Superquadras de Brasília

Belisa Mendes Evangelista & Tatiana Nepomuceno Ximenes

Resumo: O objetivo geral desta pesquisa é estudar o comportamento das crianças em espaços recreativos das superquadras da cidade de Brasília.

A pesquisa foi baseada e direcionada pela teoria da *affordance*, desenvolvida por J. J. Gibson. As teorias de Psicologia Ambiental podem ser subdivididas em: *teorias de estimulação* (ambiente físico como fonte de estimulação); *teorias de controle* (controle pessoal sobre o ambiente); *behavior setting* (cenário comportamental); e *teorias integrais*. Dentre elas, a “*affordance* se enquadraria na última (apesar de não ter surgido para a Psicologia Ambiental, mas como uma teoria da Percepção Ambiental), como parte do interacionismo, que estuda o indivíduo e o ambiente como duas entidades distintas.

Em Kytä (2002), vimos que, de acordo com Gibson, “*affordances* são as propriedades funcionais significativas do ambiente que são percebidas por meio da detecção ativa de informações”. Incluem, portanto, propriedades tanto do ambiente quanto da ação do indivíduo e são diferentes para cada pessoa ou grupo de pessoas. Segundo Kytä, esse conceito é aplicável para descrever as qualidades psicológicas essenciais de um ambiente utilizado por crianças.

Existem quatro níveis de *affordance*, que são: potencial, percebido, utilizado e modelado. Kytä também apresenta a divisão entre “campo de ações espontâneas” (FFA: *field of free action*) e “campo de ações promovidas” (FPA: *field of promoted action*). E faz a observação de que normas e práticas sociais regulam a qual nível uma *affordance* pode pertencer e, se ela pode ser realizada, onde, quando e como isso pode ocorrer. Ou seja, o contexto sócio-cultural

permite e também restringe a utilização ou modelagem de uma *affordance*. Esta autora acrescenta, assim, o “campo de ações reprimidas” (FCA: *field of constrained action*). Para ilustrar esses diferentes níveis e campos, a autora cita que um garoto pode *perceber* a *affordance potencial* em subir uma árvore, mas antes de *utilizar* essa possibilidade, seus pais podem incentivá-lo ou proibi-lo a tal atitude.

De acordo com Gilmartín (1998), a escola, a casa e o bairro são os ambientes em que as crianças criam sua identidade de lugar (*place identity*).

A área de recreação da superquadra de Brasília será analisada seguindo os mesmos parâmetros de uma análise de pátios escolares. Gilmartín (1998), baseado em Shaw (1987), observa que “os pátios devem ter uma variedade de lugares diferentes unidos a caminhos claros para facilitar todo tipo de interações (verbal, visual e física)”. Também cita resultados de uma pesquisa (Lindholm, 1995) que mostrou que, nos pátios considerados “bons”, as crianças inventavam mais atividades e selecionavam um maior número de lugares onde realizá-las. Já nos pátios considerados “ruins”, a quantidade de atividades era limitada pelas possibilidades oferecidas pelos equipamentos do local. Uma conclusão dessa pesquisa foi que a existência de áreas naturais junto aos pátios estimula a imaginação da criança, aumentando a quantidade de atividades possíveis e a procura por lugares diferentes.

Os equipamentos existentes nos pátios também influem nos tipos de brincadeiras. Gilmartín cita a classificação dos pátios em função de seus equipamentos, feita por Hayward, Rothenberg e Beasley (1974). Podem ser “tradicionais”, com balanços, escorregadores, giratórios, etc; “contemporâneos”, que possuem brinquedos feitos com materiais de tecnologia mais avançada, fontes de água, etc; e “de aventuras”, com áreas não-estruturadas com construções de pneus, túneis, labirintos de madeira, etc, que permitem às crianças criar brincadeiras diferentes. A observação daqueles autores mostrou que as crianças em idade pré-escolar (até 6 anos, no caso brasileiro) preferem os espaços tradicionais e contemporâneos, enquanto as crianças da escola primária (7 a 12 anos) preferem os de aventuras.

O objetivo específico dessa pesquisa é comparar o comportamento das crianças nas superquadras 112 Sul e 415 Norte, por faixa etária e sexo. Temos como variável dependente o comportamento das crianças entre 0 a 12

A Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental reproduz trabalhos de alunos das disciplinas Psicologia Ambiental e Psicologia Social. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas. Frequentemente, foi a primeira pesquisa realizada pelos autores.

Sobre o autor: Ao desenvolver este trabalho as autoras eram alunas da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pela aluna de mestrado Zenith Delabrida, sob orientação do professor Hartmut Günther, durante o primeiro semestre de 2003.

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; hartmut@unb.br – www.psi-ambiental.net

☞ Como citar

Evangelista, B. M., & Ximenes, T. N. (2003). Comportamento de Crianças nos Espaços Públicos das Superquadras de Brasília. Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, N° 01. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

anos de idade e variável independente a área recreativa das duas superquadras.

Por meio desse trabalho, pretendemos buscar respostas para questões como:

1. Quais são os tipos de brincadeiras que as crianças realizam na superquadra?
2. Elas são relacionadas com elementos da natureza?
3. As crianças criam seus próprios brinquedos?
4. Quais são os espaços preferidos e mais utilizados pelas crianças?
5. Elas se relacionam com crianças de outras quadras?
6. A partir de qual idade elas ficam fora de casa desacompanhadas de adultos?

MÉTODO

O método utilizado foi o “correlacional”, pois não existe necessariamente uma relação causal entre as variáveis definidas.

Contexto

A pesquisa foi realizada em duas superquadras do Plano Piloto de Brasília: SQS 112 e SQN 415. Procuramos selecionar quadras com diferentes tipologias de edifícios e diferentes equipamentos urbanos (no caso, parque infantil, quadra de esporte pública e escola de 1º grau) para poder fazer uma possível relação com a morfologia das superquadras do projeto de Lúcio Costa e a utilização dessa área livre própria para crianças.

A SQS 112 possui prédios de seis pavimentos sobre pilotis e possui apenas um “parquinho”. Já a SQN 415 possui prédios de três pavimentos sobre pilotis e dispõe de uma escola e uma quadra de esporte, e mais um parque cercado centralizado. O sujeito da pesquisa definiu-se como crianças ou grupos de crianças de 0 a 12 anos de idade.

Procedimento

Não foi selecionado um número exato de amostras, por esta ter sido feita em função da quantidade de sujeitos encontrados nos dias de observação.

A observação foi realizada em quatro períodos diferenciados durante a semana – um dia durante a semana no período da manhã e da tarde, e um dia ao fim de semana, também, no período da manhã e da tarde. As crianças foram observadas simultaneamente, durante aproximadamente meia hora. Anotamos os comportamentos que cada uma teve nesse período. Cada criança foi identificada conforme sua idade e sexo, feminino ou masculino.

Instrumento

Para a coleta dos dados utilizamos a técnica da observação e tendo a seguinte planilha como instrumento.

A planilha foi estruturada a partir das perguntas que a pesquisa pretende responder (citadas na introdução) e com base na pesquisa desenvolvida por Kytä (2002):

“*Affordances* de ambientes infantis no contexto de cidades, e vilas rurais na Finlândia e Belarus”

O item “vários”, da coluna “propriedades do ambiente”, relaciona-se aos comportamentos que se repetem em mais de um local, ou ocorrem independentemente do local ou das propriedades do ambiente, como é o caso das discussões e xingamentos.

RESULTADOS

1ª Observação

A primeira tentativa de observação foi na sexta-feira às 10:30 da manhã, mas não havia nenhuma criança em toda a quadra. Ficamos sabendo depois que a maioria das crianças vai à escola pela manhã. Voltamos, então, ao parquinho da SQS 112 no final da tarde daquele mesmo dia. As crianças P01F07 e P02M11, que são irmãos e estavam sendo assistidas pela avó, inicialmente observavam a brincadeira dos meninos mais velhos (P05M12 e P06M12). Estes brincavam com bombinhas e fogos de artifício no calçamento e essa atividade era o “centro das atenções” naquele momento. P02M11 se aproximou e começou a interagir com a brincadeira deles. P04M07 estava junto com mais quatro meninas mais velhas que ele e também observava a brincadeira com as bombinhas. Este grupo se aproximou dos meninos e começaram a conversar.

P01 correu na areia, brincou na casinha, no escorregador, com uma bola de tênis, jogou areia nos outros e sentou no banco com seu irmão para conversar. Este brincou com um galho e com uma bola de tênis, correu no calçamento, pulou a cerca, subiu na casinha. Ambos trocaram algumas palavras com a avó. A criança P03F07 mora na SQS 113 e estava ali com a babá. Brincava no parquinho com uma bola e com um bastão de madeira, correu na areia atrás de dois meninos e sentou no calçamento do bloco da CEB. Por volta das 18 horas os responsáveis chamaram as crianças para subir para seus apartamentos.

2ª Observação

No sábado de manhã, o movimento naquela área estava mais intenso. As crianças P04M07, P05M08 e P06M09 brincavam no calçamento em frente ao parquinho com uma bola de tênis e um bastão de madeira encontrado no próprio ambiente, que servia de “taco”. Um deles (P05) nos disse que aquele jogo era “hóquei de rua” e nos informou também que P04 e P06 são irmãos. Mas P04 disse que “isso não é hóquei de rua, é outra coisa!”, e ouvimos mais tarde alguém falando que “bete” e “hóquei de rua” eram a mesma coisa. Como sabemos que aquele jogo não era bete, resolvemos chamá-lo de “hóquei de rua” mesmo. Eles discutiam bastante nessa brincadeira, principalmente P04, que xingava muito e era o mais agressivo. Brigou com seu amigo P05, que chorou e queria tomar o taco dele, para tirá-lo da brincadeira. Eles discutiam o tempo todo as regras do jogo. A menina tentava apaziguá-los, com dificuldade, e os três

continuaram a brincar.

Já as crianças menores, de 1 a 3 anos de idade, estavam sentadas na areia e no calçamento do bloco da CEB, dentro do parquinho, junto de suas babás. Esse grupo aproveitava o único local que fazia sombra, pois de manhã essa área recebe insolação direta. As crianças brincavam com vários brinquedos utilizando a areia. Uma delas, P03M03, permaneceu por alguns minutos no sol, estirado na areia, afastado do grupo. Logo depois correu pela areia e juntou-se novamente às outras crianças. Por volta das 11 horas, as babás se retiraram levando suas respectivas crianças.

É interessante observar que apesar de existirem naquele ambiente grandes superfícies asfaltadas e gramadas, e ainda grande quantidade de árvores, as crianças não brincam nesses locais ou interagem com esses elementos. Só vão para a pista de carros para buscar a bola.

3ª Observação

No final da tarde de sábado, encontramos as mesmas crianças que estavam lá de manhã jogando “hóquei de rua” (agora P01M07, P02M08 e P03F09). Brincavam desse mesmo jogo com mais três crianças (P04M09, P05M09 e P06M09) no calçamento. Esse jogo envolve um elemento móvel encontrado no ambiente, o “taco”, e um elemento que eles levavam de casa, a bola, e deve ser realizado numa superfície pavimentada. Ele necessariamente implica uma interação entre no mínimo duas crianças, e freqüentemente é motivo de discussão entre elas. Naquele dia havia ainda um grupo de adolescentes jogando bola na areia.

4ª Observação

Domingo pela manhã, entre 10 e meia e 11 horas, não encontramos ninguém na quadra. No final da tarde, só havia duas crianças, mas resolvemos sentar e esperar se chegassem outras. A menina (P01F09) que no dia anterior jogava “hóquei” estava sentada sozinha no balanço do parquinho. Brincava com o bastão de madeira e a areia. Ela se aproximou do outro menino (P02M09), que também brincava com areia e um bastão. Os dois começaram a cavar a areia com esse pedaço de madeira e a conversar. Depois brincaram com uma bola. Quando o irmão da menina chegou (P03M07), ele e amigo começaram a jogar “hóquei de rua” no calçamento outra vez. A menina ficou sentada sozinha na areia.

De vez em quando passavam outras crianças por ali, mas não interagiam com aquelas. P02 e P03 correram na grama, um se escondeu do outro atrás de uma árvore. Discutiram qualquer coisa. P02 pula a cerca do parquinho, corre na areia, sobe na casinha e fica batendo com o bastão na madeira. Grita para os outros, mas eles não respondem. Chegou mais um menino (P04M07, que também estava na primeira observação), que foi jogar bola com P01 e P02 na areia. P03, isolado, começou a jogar a bola de tênis de um lado para o outro do bloco da CEB, no centro do parquinho. E corria para buscar a bola no

lado oposto, até a bola parar lá em cima. Então, ele sentou no banco e perguntou para os outros: “quem quer que eu jogue?” e eles responderam: “ninguém!”. Mas ele não desiste: “ia ficar melhor, dois contra dois”. Ele era a criança P04 da segunda observação, que comentamos acima ser o mais agressivo. Parece que as outras três crianças queriam brincar em paz...

5ª Observação

A primeira observação nessa quadra foi no período de 9:30 da manhã do dia 27 de junho, numa sexta feira. A única criança que foi encontrada nesse período (P01M05) estava acompanhada da mãe e se encontrava, durante os 5 minutos de observação, no canto do parque junto à cerca, perto da mãe, brincando com uma garrafa de água e uma toalha sobre o chão.

6ª Observação

A segunda observação foi feita no período da manhã do sábado seguinte, por volta de umas 10 horas. Nesse horário encontramos crianças de apenas três a cinco anos.

No primeiro caso eram duas meninas de três anos de idade acompanhadas pelas mães que se encontravam junto a elas no canto do parque. As duas interagiam direto com as mães, fazendo “malabarismos” no trepa-trepa que se encontrava perto delas. Uma delas (P03F03) ainda dividia seu tempo de brincadeira com a coleta de sementinhas que se encontravam espalhadas pelo chão.

O outro caso observado eram de dois irmãos, uma menina de três anos de idade e um garoto de cinco. O garoto era muito mais enérgico que a garota, que se encontrava brincando no escorregador. Ele, por outro lado, subia e descia a cerca e corria pelo parque, dando voltas nos brinquedos e subindo e descendo deles também.

7ª Observação

A terceira observação foi feita no período da tarde deste mesmo sábado, por volta da três horas. Neste caso encontravam-se no parque duas garotas e um menino. As duas amigas tinham oito anos de idade e estavam brincando na gangorra ao mesmo tempo em que conversavam. Já o menino, de cinco anos, estava próximo às meninas, interagindo mais com os brinquedos, subindo e descendo na gangorra (com os pés). Ele brincou no escorregador, por vezes, encontrando pedaços quebrados dos brinquedos, brincando com eles. Enquanto isso, as duas garotas conversavam.

As brincadeiras mais freqüentes são aquelas com objetos fixos (brinquedos do parquinho). As crianças de 7 a 12 anos brincam bastante com jogos que envolvem objetos inseridos no espaço, principalmente a bola.

Não observamos muitas brincadeiras que envolvem elementos da natureza, com poucas exceções. E normalmente as crianças não costumam criar seus próprios brinquedos a partir de elementos encontrados no

ambiente. Até seis anos, crianças preferem o ambiente interior do parquinho, enquanto crianças de 7 a 12 anos preferem os espaços fora da delimitação do parquinho, apesar da areia ser muito utilizada para jogar bola. Suas relações se limitam às crianças da própria quadra. E somente a partir de 7 anos elas ficam fora de casa desacompanhadas.

DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram uma interação muito forte entre o ambiente do parque e as crianças que o utilizam. Além disso foram descobertas interações também com as outras crianças e com os responsáveis, dependendo da idade da criança observada.

Crianças até 6 anos de idade, de acordo com a nossa observação, são as que mais dependem do responsável e que mais brincar com pequenos elementos naturais encontrados na área, como sementes, folhas e o próprio barro do chão. Elas parecem brincar com peças de brinquedos quebrados ou pedaços de lixo encontrados no chão como tacos e etc.

Crianças acima dessa idade são mais independentes e criativas, no que concerne ao tipo de brincadeiras. Elas são capazes de inventar e criar jogos em qualquer espaço livre, seja ele no campinho ou na areia. Além disso pouco se pronunciam para algum adulto responsável que esteja pela área. Elas interagem entre elas, sem sugestões ou restrições de outros grupos.

Outro tipo de relação encontrada foi o horário no qual elas estão utilizando o espaço do parque. As crianças mais novas foram encontradas somente durante o período da manhã, até umas 11 horas. A explicação mais plausível para isso é a influência do calor do sol.

As crianças mais velhas, a partir de uns 6 anos de idade se encontram no parque a partir de umas 4 horas da tarde, e nunca no período da manhã, porque estão no colégio.

Avaliação do espaço

A disposição dos prédios residenciais influi no número de crianças que freqüentam os espaços recreativos da quadra. Os parques isolados, que não são localizados em frente

aos prédios, mas em suas laterais ou longe deles, são menos freqüentados. Observamos um menor número de crianças no parquinho da 415 Norte do que na 112 Sul.

A disposição dos prédios em torno da área onde as crianças brincam, no caso da quadra 112 Sul, também facilita o controle dos responsáveis sobre elas, que podem observá-las da janela de seus apartamentos.

Em relação à vida social na superquadra, é interessante citar Matheus Gorovitz, em *Brasília – Sobre a Unidade de Vizinhança*: “Podemos admitir níveis de solidariedade humana baseados em relações de vizinhança, principalmente nas faixas etárias de menor mobilidade: crianças, idosos e empregados domésticos; em circunstâncias específicas, como o é a iniciativa de promover coletivamente festas juninas nas áreas livres da superquadra” (Gorovitz, 1991: p.301).

Na superquadra de Brasília, as crianças encontram um ambiente físico propício à realização de uma grande diversidade de brincadeiras. A abundância de gramados e árvores frutíferas permite que as crianças brinquem com elementos naturais. A relação entre criança e ambiente na superquadra parece ser satisfatória.

REFERÊNCIAS

- Gilmartin, M. A. (1998). Ambientes escolares. Em J. I. Aragonés & M. Américo *Psicología Ambiental*. Madrid: Pirâmide, 1998.
- Gorovitz, M. (1991). Brasília - Sobre a Unidade de Vizinhança. Em F. Holanda & M. E. Kohlsdorf (Eds.), *Anais - 4. Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, pp. 294-302.
- Korpela, K. (2002). Children's Environments, Em R. B. Bechtel & A. Churchman (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology*. Nova York: Wiley.
- Kyttä, M. (2002). Affordances of children's environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *Journal of Environmental Psychology*.

Comportamento das Crianças

Propriedades do Ambiente	Categorias das Brincadeiras				Relações Interpessoais		
	Envolvem Elementos do Ambiente	Envolvem outros Elementos Inseridos no Ambiente	Envolvem Elementos do Ambiente e Inseridos	Apenas são Realizadas no Ambiente, mas sem Utilizar Objetos	Com Adultos	Com outras Crianças	Sozinhos
Gramma							
Areia							
Árvores							
Asfalto							
Calçamento							
Objetos fixos							
Objetos móveis							
Mobiliário urbano (bancos)							
Cerca							
Bloco CEB							
Vários							